

Universidade Federal de Santa Catarina

Curso de Jornalismo

Técnica de Projeto - Aglair Bernardo

Nome: Claudia Renata de Oliveira

Pré-projeto de conclusão de curso

MENINAS E MENINOS DE RUA

EM FLORIANÓPOLIS

Agosto/1992

*"É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão."*

Constituição da República Federativa do Brasil, Art. 227, 5.10.1988

1. Notas

## OBJETIVOS

É objetivo deste projeto a produção de um vídeo sobre meninas e meninos de rua em Florianópolis. Este vídeo irá mostrar as dificuldades que crianças e adolescentes sofrem nas ruas e em casa, contar algumas histórias de vida, e abordar um pouco do cotidiano dessas crianças. O interesse principal do vídeo é chamar a atenção para os problemas desses meninos e meninas e também mostrar algumas alternativas que já estão sendo trabalhadas em Florianópolis para amenizar essa situação.

A experiência de profissionais que trabalham e convivem com essas crianças e adolescentes será muito importante para produção do vídeo, que poderá recolher depoimentos dos mesmos. Além desses depoimentos o projeto vai abordar ainda histórias de alguns meninos e meninas, demonstrando seus problemas e principalmente seus sonhos e objetivos para o futuro.

O vídeo pretende distinguir as condições de cada criança na rua, ou seja, mostrar que os casos são bem específicos. Há "meninos e meninas de rua" e "meninos e meninas nas ruas". No primeiro caso as crianças e adolescentes foram abandonados, ou fugiram da família, ou apenas mantêm um estreito relacionamento, e fizeram da rua suas próprias casas. Mas há aqueles que passam o dia nas ruas mas que a noite retornam às casas. O trabalho vai contar histórias de vida desses dois casos e também pegar depoimentos de meni-

nos(as) que saíram da rua para serem recolhidos por instituições. Saber o que melhorou, o que prejudicou, se sentem saudades das ruas, se estão bem atendidos. Mais do que isso, mostrar se são ou não felizes longe das ruas.

Outro ponto muito importante a ser observado é em que trabalham esses adolescentes. Eles se sustentam sozinhos? Eles ajudam suas famílias? Essas perguntas o vídeo pretende responder não com estatísticas, índices, mas sim através dos depoimentos desses meninos e meninas. Vários estudos já foram feitos nesse sentido e é possível constatar em números que há uma predominância de meninos nas ruas. As meninas algumas vezes são mais reservadas em casa para evitar que caiam na prostituição. Muitas outras vezes são as próprias famílias que estimulam e obrigam essas meninas a saírem às ruas atrás de dinheiro, colocando-as na prostituição.

Todos esses aspectos serão colocados no vídeo, não de uma forma preconceituosa, moralista, mostrando o que é certo e o que é errado. Apenas serão contadas histórias reais, ficando a critério de cada um julgar ou não, se é que alguém tem o direito de julgar a vida do outro. É importante salientar que o vídeo não será um trabalho de promoção às instituições, nem um manual de rotina da vida de uma menina ou menino de rua. Mas sim um alerta de que há muita coisa para se fazer em favor dessas crianças e adolescentes.

### Meninos e meninas "de" e "nas" ruas

A partir de meados da metade da década de 80 difundiu-se uma nova forma de designar as crianças e jovens que se encontravam nas ruas — os chamados "meninos de rua". O uso do termo consolida-se nesta época, embora identifique-se a sua origem em terminologia empregada em duas pesquisas publicadas no ano de 1979, em Belém e em São Paulo (Gonçalves, 1979 e Ferreira, 1979).

Ao atingir a dimensão de um fenômeno que adquiriu considerável visibilidade nas grandes cidades de todo o país, o tema "meninos de rua" passa a ser explorado por muitos pesquisadores. Os estudos que surgem têm em comum a proposta de caracterizar um grupo ainda não conhecido. Trata-se de pesquisas que apresentam um perfil dos "meninos de rua", destacando suas características, origem, atividades, inserção familiar, sobrevivência e assim por diante (Gonçalves, 1979; Governo do Estado do Ceará/IPLANCE, 1980; Rizzini, 1986; Myers, 1988; Governo do Estado do Ceará/SAS, 1988; Pires, 1988; Oliveira, 1989 e Capítulo 4 desta publicação).

Este tipo de pesquisa, que diríamos marcar uma primeira fase de produção sobre o tema, apresenta uma interessante similaridade de resultados em diversas cidades, o que vem a assegurar a extensão e a gravidade do problema, que passa a ser reconhecido como um fenômeno de âmbito nacional. Outro traço a ser apontado é que estas pesquisas não diferenciam os grupos de crianças que podem ser encontrados nas ruas, razão pela qual, na designação genérica de "meninos de rua", inclui-se também as meninas, os que

trabalham e retornam à casa e aqueles que moram nas ruas. Na verdade, estas pesquisas focalizam somente o grupo mais visível nas ruas, ou seja, aquele composto por crianças envolvidas em atividades que lhes rendem algum dinheiro — um grupo que, sem dúvida, cresceu rapidamente na década em questão, devido ao período de prolongada recessão econômica e o conseqüente empobrecimento da população. Por outro lado, as pesquisas indicam também a existência de uma percentagem, que, apesar de pequena não poderia ser ignorada, de crianças e adolescentes que perdem o vínculo com a família ou que o mantêm de forma ocasional.

O fato é que somente no final da década de 80 estabelece-se uma distinção clara entre os dois grupos — os que moram nas ruas e os que passam os dias nas ruas — sendo assim denominados "meninos(as) de rua" e "meninos(as) nas ruas". Esta distinção é resultado do conhecimento adquirido, nos anos anteriores, sobre a realidade de vida destas crianças e torna-se possível a partir da constatação de que a grande maioria das crianças e jovens que se encontram nas ruas retornam à casa no final do dia.

Ao contrário do que se pensava, dado o número crescente de crianças desacompanhadas nas ruas, estas não são abandonadas, muito embora vários estudos indiquem uma tendência ao enfraquecimento dos laços familiares devido às relações que as mesmas estabelecem nas ruas sem a interferência da família. Solidificou-se, assim, o conhecimento de que se trata de crianças pobres, precocemente imbuídas da responsabilidade de participarem do orçamento familiar.

Outras contribuições a nível de pesquisa podem ser identificadas nos últimos anos da década, embora ainda sejam predominantes os estudos de perfil das crianças. Destaca-se algumas pesquisas que apontam para o esforço de focalizar os demais grupos existentes nas vias públicas, como por exemplo as crianças que permanecem nas ruas com suas famílias (Lusk, 1989) ou, ainda, a tentativa de incluir nas pesquisas sobre "meninos de rua" o tema da família, como elemento indispensável para o estudo do problema (ver Capítulos 5 a 7 desta publicação). Nesse sentido, não se pode deixar de mencionar uma tendência mais recente — os estudos sobre a violência contra a população infantil nas ruas — provocada por uma seqüência de denúncias a respeito de um outro fenômeno que desponta em todo o país: o extermínio de crianças (Dimenstein, 1990; MNMMR-IBASE-NEV, USP, 1991)<sup>6</sup>.

5. Não há como dissociar deste contexto de pobreza e constrictão social o fato de que, ainda hoje, o trabalho infantil seja encarado com tanta naturalidade. A despeito da legislação, que proíbe o trabalho para menores de 14 anos, as pesquisas mostram e as estatísticas o comprovam, que muitas vezes crianças com idade inferior a 10 anos trabalham nas mesmas condições que os adultos, não sendo necessariamente sequer remuneradas.

6. Os estudos que surgiram recentemente apresentam várias semelhanças metodológicas, sendo fortemente marcados pelo teor de denúncia acerca do extermínio de crianças no país. Apesar de não trabalharmos com os resultados de tais estudos neste texto, seria fãlho de nossa parte deixar de registrar a sua existência como uma importante tendência presente no final da década de 80.

## JUSTIFICATIVAS

O interesse pelo trabalho surgiu através de contatos com pessoas ligadas à área (Izabel Carolina - Secretária do Estado de Justiça e Administração; Aldir Corrêa - Casa Lar). Após acompanhar o trabalho dessas pessoas, verificar os problemas que meninas e meninos de rua sofrem, e descobrir que pouco está se fazendo para melhorar essa situação, houve a necessidade de denunciar, de uma certa forma, essas irregularidades. O vídeo pretende abordar alguns assuntos importantes que fazem parte da vida desses meninos e meninas, como por exemplo a prostituição, doenças, violência física, mental e sexual, [REDACTED], trabalho mal-remunerado, e mais outros problemas. Este projeto vai funcionar como complemento à palestras e oficinas que alguns profissionais desenvolvem sobre o assunto e poderá também ser exibido em escolas.

# Do avesso ao direito de menor a cidadão



decada de 80 foi decisiva no processo, ainda em crise, de surgimento e desenvolvimento de

uma nova consciência e de uma nova postura em relação às crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social no Brasil. Esta mudança — sem dúvida alguma — teve início na reflexão e ação em busca de novas maneiras de entender e agir que possibilitassem intervir de forma mais conseqüente na dura realidade dos meninos e meninas de rua.

De fato, o simples olhar sobre a paisagem urbana nas grandes e médias cidades brasileiras apontava uma realidade muito dura: milhares de crianças e adolescentes fazendo das ruas seu espaço de luta pela sobrevivência e até mesmo de moradia.

Era preciso aprender a olhar aqueles meninos a olho nu, com o olhar desarmado das categorias estigmatizantes do Código de Menores ("situação irregular") e da PNBEM (Política Nacional de Bem-Estar do Menor). Chamá-los de "menores" era enquadrá-los nas categorias inscritas nas leis de controle social da infância e da juventude que, só então, nos espíritos mais críticos, começavam a ser percebidas como parte do entulho autoritário que a reconstrução democrática da vida nacional, um dia, haveria de banir do panorama legal brasileiro.

O Código de Menores e a PNBEM começavam, assim, a perfilar junto com os demais ordenamentos do regime autoritário, como os atos de exceção, a Lei de Greve, a Lei de Segurança Nacional, a Lei de Imprensa e tantos outros instrumentos de controle da sociedade por parte do Estado.

## METODOLOGIA

\* Pesquisa: serão analisados trabalhos em vídeos feitos nessa área, e livros sobre meninas e meninos de rua. Vários assuntos que fazem parte do cotidiano dessas crianças serão estudados. Para a procura dos maiores problemas sobre o assunto serão feitas ainda muita pesquisa de campo (em instituições, escolas e nas ruas). O contato direto com a criança e o adolescente de rua é fundamental para ver de perto suas necessidades.

\* Consultas: o contato com profissionais da área será muito importante para a produção do vídeo, auxiliando no roteiro final do projeto. Estes profissionais poderão, eventualmente, participar do vídeo.

\* Roteiro final do vídeo

\* Gravações

\* Edição

\* Pré-avaliação: antes de chegar à banca o trabalho será avaliado por alguns profissionais da área. Se houver algum problema o vídeo será revisto e arrumado antes da avaliação final.

\* Avaliação: o trabalho final será apresentado para uma banca de três professores do curso de jornalismo.

\* Divulgação: depois da apresentação no curso o vídeo será divulgado aos profissionais que poderão utilizá-lo em suas palestras sobre o assunto.



Além da divulgação nas instituições e nas escolas de Florianópolis, o projeto será apresentado em Mostras de Vídeo e distribuído, se possível, às instituições de Santa Catarina e de outros estados.

### CRONOGRAMA

- Julho : pesquisa de campo, leituras e análises de vídeos sobre o assunto.  
trabalho com profissionais da área
- Agosto : roteiro final do vídeo
- Setembro: início das gravações
- Outubro : continuação das gravações  
decupagem das fitas
- Novembro: edição  
finalização do vídeo com créditos e músicas
- Dezembro: pré-avaliação  
apresentação à banca do curso de Jornalismo
- Janeiro : divulgação do trabalho final

*O perfil dos meninos e das meninas que se encontram nas ruas*

Das pesquisas que surgiram no período de 1979 a 1990, identificamos 16 que abordam as condições de vida e a vivência das crianças nas ruas. Apresentaremos a seguir uma síntese dos resultados dessas pesquisas.

As crianças e jovens que se encontram nas ruas são, em sua grande maioria, do sexo masculino, como se pode ver na Tabela 1.

As pesquisas sugerem, embora não aprofundem a questão, que as famílias procuram, sempre que possível, manter as meninas em casa, seja para ajudar nas tarefas domésticas, seja para evitar que caiam nas redes da prostituição. Cabe ressaltar, em relação a essas pesquisas, que como não há uma preocupação em retratar o caso específico das meninas, os resultados não são discriminados de acordo com o gênero.

A faixa etária dos menores estudados vai, em média, dos 7 aos 17 anos, havendo uma maior concentração na faixa dos 11 aos 14 anos, o que parece indicar a existência de um maior número de crianças trabalhando nas ruas neste período de suas vidas.

As pesquisas apontam que a idade de iniciação das crianças em atividades de rua se situa na faixa dos 7 aos 12 anos, com predominância na idade dos 9 anos. Verifica-se que em geral os menores tendem a permanecer nas ruas até a faixa dos 15-16 anos. No Rio de Janeiro, da amostra considerada, havia nas ruas apenas 17% de adolescentes com mais de 14 anos (Rizzini, 1986) e, em Fortaleza, os jovens entre 14 e 18 anos compunham somente 12,3% da amostra (Governo do Estado do Ceará/SAS, 1988). As pesquisas não focalizam as ocupações dos adolescentes à medida que se aproximam da maioridade. Ao que tudo indica, boa parte deles abandona o setor informal, principalmente o trabalho exercido nas ruas, em busca de uma situação de emprego mais segura, no que se refere ao salário e à aceitação na sociedade.

Poucos estudos referem-se à origem étnica das crianças. No Rio de Janeiro, Rizzini (1986) encontrou uma percentagem de 28% de menores de cor branca, sendo, portanto, a grande maioria da amostra composta por negros e pardos. Quanto ao local de origem, as crianças, em geral, são provenientes das favelas e das periferias das grandes cidades, onde se concentra a população de baixa renda.

## CONSULTAS

\* Fundação Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (CBIA):

Wilma Coral Mendes Lima - coordenadora de projetos

\* Secretaria de Estado da Justiça e Administração: Izabel Carolina

\* Casa Lar: Aldir Corrêa

\* Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina (UDRSO):

Márcia Pompeu - profª Teatro e Educação, está fazendo sua tese de doutorado nessa área.

\* Acervo de periódicos (jornais, revistas, folhetos) da Hemeroteca do curso de Jornalismo

\* Vídeos do Curso de Jornalismo:

- Aveaso, Maria Alauci, 1990

- Adocão, Rosângela dos Santos, 1985

- Marco Aurélio é Tânia, Daniel Izidoro, 1989

- Ensaio: entrevistas com meninos de rua em Florianópolis,

turma de Comunicação e Educação, 1989

\* Filmes: Pixote, Hector Babenco

*A gente é revoltado porque é o seguinte:  
só nós é que pode ver o que  
está acontecendo por aí, escondido aí,  
e vocês deviam olhar tudo isto,  
vocês deviam chamar atenção do que  
está acontecendo escondido, não do que está  
acontecendo no claro.*

Um Infrator Egresso

Tudo o que a gente conversa tem de partir  
de uma brincadeira louca.

Um Infrator Egresso

5. Notas

ORÇAMENTO

Mesmo sendo um trabalho para Universidade Federal cabe salientar o custo de um projeto em vídeo. Pelo preço do Laboratório de Vídeo do Curso de Jornalismo para trabalhos feitos para UFSC, o projeto custaria:

\* Até dia 15 de agosto de 1992

10 horas de gravação em U-MATIC a Cr\$ 80 mil -----	Cr\$ 800 mil
12 horas de decupagem e edição a Cr\$ 80 mil -----	Cr\$ 960 mil
1 fita VHS para apresentação em Mostras de Vídeo-----	Cr\$ 40 mil
	<hr/>
	Cr\$ 1.800.000

OBS: Não está sendo colocado em conta xerox, compra de livros e material gráfico para créditos que eventualmente serão utilizados.

### 4.1.1. Contribuição do trabalho do menor

Publicações recentes têm mostrado a importância da contribuição ao rendimento familiar de cada criança e adolescente que trabalha, mesmo que o nível daquela seja só parcialmente registrado, já que deixa de fora o rendimento que as crianças auferem e destinam a seus próprios gastos pessoais, aliviando assim o orçamento familiar. Obviamente, a magnitude dessa contribuição aumenta à medida que diminui o rendimento familiar, ou seja, é mais importante nos estratos mais pobres da população (FIBGE, 1990). Adicionalmente, o significado dessa contribuição aumenta ainda mais quando, em vez de considerar o aporte financeiro de cada criança e adolescente separadamente, presta-se atenção às contribuições do trabalho infanto-juvenil como um todo, dentro da família (Painel 2).

### 4.1.2. Educação dos pais

Em países como o Brasil é bastante recorrente a verificação de que não apenas o nível de rendimentos mas também o nível educacional dos pais são fatores determinantes do bem-estar futuro da criança. Estudos realizados demonstram que o nível educacional dos pais tem uma influência sobre a educação dos filhos até maior do que seus rendimentos. Mesmo quando uma alta correlação entre ingresso e escolarização torna difícil a tarefa de separar ou especificar os efeitos de ambas as dimensões, é bastante aceita a idéia de que a educação dos pais contribui com uma parcela em nada desprezível na explicação das desigualdades educacionais dos filhos.

Da mesma forma, diversos estudos de campo verificaram que o nível de participação das crianças e dos adolescentes no mercado de trabalho está inversamente correlacionado com o nível educacional dos pais. Entretanto, é importante observar que a sensibilidade do trabalho em relação à educação paterna, é diferente para crianças e adolescentes (Gráfico 7). Desta forma, o diferencial entre as taxas de atividade das crianças nos extremos da escala educacional dos pais é maior do que o dos adolescentes (90% e 78%, respectivamente).

Também é possível inferir que mais de 80% da PEA infanto-juvenil nas áreas urbanas do país provêm de famílias cujos pais alcançaram no máximo quatro anos de estudo, apresentando assim as determinantes da desigualdade social no trabalho infanto-juvenil.

## BIBLIOGRAFIA

- SCHNEIDER, Leda. Marginalidade e Delinquência Juvenil. SP, Cortez, 1987.
- JUNQUEIRA, Lia. Abandonados. SP, Cone Editora, 1986.
- VIOLANTE, Maria Lúcia V. O Dilema do Descendente Malandro. SP, Cortez Editora e Editora Autores Associados, 1985.
- RIBEIRO, Ivete & BARROSA, Maria de Lourdes V.A. (Org.). Menor e Sociedade Brasileira, Análises, Programas Institucionais, Experiências. SP, Edições Loyola, 1987.
- PRADA, Cecília. Menores no Brasil: a loucura nua. SP, Alternativa, 1981.
- MEDEIROS, Mariângela. Rua dos Meninos. SP, Siciliano, 1992.
- FENELON, Gracia M. Meninas de Rua: uma vida em movimento, por Gracia M. Fenelon, Leila Chalub Martins e Maria Hermínia S. Domingues. Goiânia, CEGRAF/UFG, 1992.
- UNICEF/FLACSO. O Trabalho e a Rua - Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos anos 80. SP, Cortez Editora, 1991.
- Estatuto da Criança e do Adolescentes. Brasília, Presidência da República, 1991.
- QUEIROZ, José J. O Mundo do Menor Infrator. SP, Cortez: Autores Associados, 1984.
- DIMENSTEIN, Gilberto. A Guerra dos Meninos.
- DIMENSTEIN, Gilberto. Meninas de Noite.
- GUIRADO, Marlene. A Criança e a Febem. SP, Perspectiva S/A, 1980.
- FUNABEM. O Menor - problema social no Brasil e a ação da FUNABEM. RJ, FUNABEM, 1976.
- GARCIA, Edson Gabriel. Meninos e Meninas.

NOTAS

1. 2. 3. 4. 6. UNICEF/FLACSO. O Trabalho e a Rua - Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos anos 80. SP, Cortez Editora, 1991.

5. QUEIROZ, José J. O Mundo do Menor Infrator. SP, Cortez: Autores Associados, 1984.